



IX Simpósio Nacional de História Cultural  
**Culturas – Artes – Políticas: Utopias e distopias do mundo contemporâneo**  
**1968 – 50 ANOS DEPOIS**  
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT  
Cuiabá – MT  
26 a 30 de Novembro de 2018

**INVENTAR(IAR) A CRÍTICA NACIONAL: APROPRIAÇÃO DA  
HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA POR ANTONIO CANDIDO NA CONSTRUÇÃO  
DE SEU OBJETO DE ESTUDOS**

Thales Biguinatti Carias<sup>1</sup>

Os apontamentos seguintes têm, por base, uma atenção ao modo ambíguo segundo o qual Antonio Candido mantém relações com determinado projeto de identidade nacional. Deste ponto, os estudos destacam Candido como um sujeito histórico ora ligado à continuidade, sobretudo com o projeto modernista, ora ligado à ruptura, caso as análises se voltem para a relação Candido/Academia/Modernização<sup>2</sup>. Num certo grau, a complexidade da questão nos permite observar Candido como um sujeito composto por esses dois matizes. No entanto, a hipótese central para essa tese tenta contribuir com uma chave articuladora destes dois sentidos, visando uma explicação histórica que, sem encerrar a pluralidade da obra de Candido num esquema determinista, julga possível

---

<sup>1</sup> Licenciado em História pela Universidade Federal de Mato grosso (UFMT) e mestre em Estudos de Linguagem pela mesma instituição. Atualmente, é estudante de doutorado no Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS-UFMT), sob orientação da Profa. Dra. Thaís Leão Vieira.

<sup>2</sup> Estamos tratando, aqui, de uma relação complexa de Antonio Candido para com a crítica conhecida por “ensaística” ou crítica de jornal. Sobre essa relação, alguns escritos podem ser consultados, como, por exemplo: JACKSON, Luiz Carlos. **A tradição esquecida**: Os Parceiros do Rio Bonito e a Sociologia de Antonio Candido. BH: Ed. UFMG; SP: FAPESP, 2002; PONTES, Heloisa. **Ar de Família**: A turma de Clima. In: Literatura e sociedade (n. 12), 2009; RAMASSOTE, Rodrigo Martins. **A vida social das formas literárias**: crítica literária e ciências sociais no pensamento de Antonio Candido. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas-SP, 2013; DANTAS, Vinicius. **Antonio Candido**: Textos de Intervenção. SP: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

estipular uma racionalidade contida na obra deste autor e que se expressa, também, como uma historicidade possível na compreensão do contexto de afirmação das disciplinas acadêmicas no Brasil de meados do século XX.

Deste modo, tomando como parâmetro *Formação da Literatura Brasileira* (FLB), nossa hipótese é: Antonio Candido plasmou, ao discurso da crítica literária, uma leitura específica da história nacional. Tendo como parâmetro os arcabouços da modernização brasileira, Candido organizou seu sistema literário com base num discurso historiográfico de grande monta e que referendava o ponto final desta formação, qual seja, o de surgimento do modernismo como síntese criadora das tendências estéticas fecundadas em solo nacional. Para tanto, dois marcos históricos específicos organizam e dão o sentido continuísta de *Formação da Literatura Brasileira*: a Inconfidência mineira e o processo de independência. No processo de leitura dos escritores que compõem o sistema literário como portadores das tendências que sintetizam as aspirações universalistas e particularistas, Candido firmou o objeto de sua crítica literária nos interstícios do discurso historiográfico hegemônico sobre a formação do próprio Estado Nacional brasileiro. Desta forma, inconfidência e independência ganham, na escrita de “FLB”, uma completude que caminha para a nossa própria realização literária.

O que nos importa para o momento é testar essa hipótese a partir de uma leitura sobre o último capítulo do segundo volume de “FLB”. Neste capítulo, Candido se dedica a fazer um escrutínio da crítica literária oitocentista. A questão que nos orienta para esta leitura é: Haveria alguma fissura constitutiva do arcabouço literário brasileiro que a antologia de Candido tenta, senão esconder, ao menos incorporar ao sentido histórico impingido à organização dos textos críticos que ele exerce no capítulo referido? Como já afirmamos que Candido, possivelmente, constrói seu objeto de estudos a partir de uma dada matriz historiográfica, não estaria essa própria matriz, com forças de instituição, impingendo, no próprio Candido, uma certa organização do material de que ele dispõe?

### **O NOVO PROVÉM DO VELHO: REFLEXÕES SOBRE CONTINUIDADES E RUPTURAS NA *FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA*:**

*Formação da Literatura Brasileira* é o tipo de obra que já passou por incontáveis debates e interpretações. Neste caso, trataremos de um em específico, no intento de usá-lo para subscrever melhor o problema de nossa pesquisa. Em diálogo com Paulo Arantes,

Roberto Schwarz tece algumas considerações sobre a palavra “formação” no contexto da obra de Candido e alguns de seus contemporâneos. Neste sentido, Schwarz considera variações valorativas para o sentido da palavra conforme usada por Sérgio Buarque de Hollanda, Celso Furtado, Gilberto Freyre e Caio Prado Jr. No limite, essa valorização correspondia a determinada expectativa, transposta, nos respectivos estudos, por orientações temporais. Por exemplo: se a formação do Brasil moderno tinha, tanto em Buarque de Hollanda quanto em Freyre, origens lusitanas, cada um sentia essa origem de um modo diametralmente oposto: Freyre com nostalgia; Hollanda com vontade de superação (SCHWARZ, 1999, p. 17).

Se todos estes possuem algum tipo de valor no modo como analisam os aspectos da formação que lhes convém, Schwarz afirma que isso tem a ver com o fato de tais formações estarem em aberto, pelo menos naquele início de segundo quartel do século XX. Por outro lado, o dado de que a “formação” tratada por Candido já estava encerrada, mormente com Machado de Assis, levou o crítico a postular ser esta a causa para o fato de que, na *Formação da Literatura Brasileira*, essa valoração com relação ao próprio objeto de pesquisa seja de menor intensidade. Com a literatura já bem formada, Candido contava com o distanciamento necessário para postular seu objeto de pesquisa de modo mais científico, porque menos ensaístico, que os demais. Antes de avançarmos na argumentação, cabe destacar que não se trata de acusarmos Schwarz de algum tipo de positivismo ingênuo, já que o mesmo faz questão de considerar que, apesar de formado, esse passado literário nutre efetivos vínculos com o presente de Candido (SCHWARZ, 1999, p. 18).

De tudo isso, convém destacarmos que essa diferença entre Candido e os demais é transposta por Schwarz para o contexto referente à fundação da Faculdade de Filosofia da USP, onde Candido se formara. Neste aspecto, Schwarz tangencia o problema central de nossa pesquisa, não obstante o restante de sua argumentação ir para caminhos diferentes. Diz Schwarz:

Do lado do assunto, a idéia de formação apreendia, dava visibilidade a um dinamismo decisivo, a saber, a gravitação cultural da Independência, no interior da qual Arcadismo e Romantismo - estilos tão opostos - puderam ter uma inesperada funcionalidade comum. Do lado do presente, da história dos estudos brasileiros, a idéia tinha a ver com os novos patamares teóricos ligados ao surgimento da Faculdade de Filosofia da USP. Ao positivismo rasteiro dos estudos literários tradicionais, opunha a exigência de um objeto logicamente constituído, com seus movimentos próprios de valorização, inclusão e exclusão.

Essa posição avançada, com razões e pressupostos refletidos e explícitos, coisa inédita entre nós, até hoje não foi bem assimilada. Assim, alguns apontam o déficit em entusiasmo brasileiro da parte de Antonio Candido (!), que não incluiu na sua Formação - por não fazerem parte dela - grandes figuras como Gregório de Matos e o padre Vieira, ao passo que outros críticos, ou os mesmos em momentos diversos, o acusam de bitolamento nacionalista por historiar uma aspiração nacional (SCHWARZ, 1999, p. 19.)

Como o final desta citação já nos indica, o argumento de Schwarz passa a considerar a concepção do nacionalismo em Candido. Tal concepção, para Schwarz, representa um uso materialista da tradição, circunscrevendo os efeitos e limites desta pauta para a formação do arcabouço literário brasileiro (SCHWARZ, 1999, p. 20). Com efeito, o que pretendemos levantar como problema de pesquisa não inviabiliza ou contradiz as argumentações de Schwarz. No entanto, é preciso considerar que ela não foi explorada pelo autor e permanece sem uma discussão adequada, ainda que pertinente. Referimo-nos à análise da própria construção do objeto de pesquisa executada por Candido em *Formação da Literatura Brasileira*, momento decisivo de sua obra crítica.

Ora, se o próprio Schwarz já assinalou que a característica desta nova formação uspiana é a constituição lógica do objeto de pesquisa, delimitando-o, selecionando seus critérios básicos e observando seu processo de formação e estabelecimento históricos, devemos nos perguntar como Candido faz isso tudo operar no interior de sua obra para além de uma questão de método, mas investigando os pontos de contato entre este objeto descrito e os lugares social, ético e epistemológico do crítico. Com efeito, é importante salientar, ainda seguindo o argumento de Schwarz, que a ideia de distanciamento é o que preconiza essa maior e melhor objetificação da tradição. Neste sentido, perguntamo-nos em que medida esta objetificação é, de fato, uma consequência lógica do distanciamento? Nos dois volumes da obra em questão, Candido não deixa de organizar o material do passado que lhe é disposto. Construindo essa organização, ele não iria interferir na própria natureza deste objeto? Acreditamos que há um flanco aberto para algumas reflexões nesse sentido. Como Candido organiza o material do passado? Como esse material tensiona com a própria concepção de Candido sobre o mundo e seu presente? É possível pensarmos que este material, não sendo inerte, também influi nas decisões de análise e conclusão do trabalho de Candido? Como o cientista se comporta diante de seu objeto, sobretudo quando este se trata de um arcabouço cultural de grande monta?

Nesse sentido é que compreendemos que a operação científica de Antonio Candido nunca está descolada das intenções político-culturais relativas ao próprio momento de produção deste objeto. Deste modo, olhar para o modo como o próprio Candido inventariou a crítica literária oitocentista pode ser um indicativo para analisarmos o modo como ele ajudou a inventar e definir a crítica literária brasileira de seu tempo. Naturalmente, seria um grave descuido considerarmos que Candido não pensou nas relações entre sua própria obra e o momento e lugar de sua escrita. Mesmo assim, convém reafirmar que a ideia que ilustramos mais acima a partir das considerações de Schwarz é tida como um dado quase natural. A escrita de Candido teria, de acordo com essa perspectiva, avançado, em termos científicos, dado ao contexto uspiano em que sua obra aparece, sinalizando um momento de ruptura para com a escrita ensaística, sobretudo nos termos valorativos destacados pelo próprio Schwarz.

Poucos são os trabalhos que se dedicam a revisar as implicações desta consideração no modo como Candido elabora seu próprio projeto intelectual. Citemos os dois principais trabalhos, a saber: *A tradição esquecida: Os parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido* (JACKSON, 2002) e *A vida social das formas literárias: crítica literária e ciências sociais no pensamento de Antonio Candido* (RAMASSOTE, 2013). Não obstante, tais trabalhos não avançam na questão sobre a força da “instituição historiográfica”<sup>3</sup> na constituição do próprio objeto de estudos de Antonio Candido, qual seja, o da crítica literária nacional como um sistema orgânico à civilização. Se estivermos corretos, essa força irá borrar as margens cerradas entre sujeito e objeto que levaram Schwarz a considerar o relativo distanciamento entre um e outro como ausência (ou pelo menos controle) de valoração do sujeito no sentido de “Formação da literatura brasileira”. Nesse sentido, o modo como Candido se relaciona com o passado literário será o grande operador para testar essa hipótese.

### **A CRÍTICA COMO CONSCIÊNCIA DA CULTURA: ROMANTISMO LITERÁRIO E FIRMAÇÃO DE UMA PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA:**

Pretendemos fazer isso discutindo o modo segundo o qual Candido racionaliza a crítica literária que o precede. O ponto inicial é percebermos como, em inúmeras

---

<sup>3</sup> Menção aos apontamentos teóricos contidos na obra: CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. RJ: Forense universitária, 1982.

passagens do referido capítulo, Antonio Candido prefigura Sílvio Romero como o sujeito que será, para o século XIX, o grande sistematizador do legado crítico da literatura nacional. Não obstante os excessos de Romero censurados por Candido, há de se notar que este ocupa o lugar de agente formalizador das tendências críticas do século XIX, cabendo a ele o próprio estatuto de crítico literário, ao contrário de seus precedentes. Sintomático disto é que o próprio Silvio Romero não está incluso no capítulo, mas sempre aparece em indicações do tipo:

De outra qualidade é o *Curso de literatura Portuguesa e Brasileira I* (1866-1873) de Sotero dos Reis, a cujo propósito vimos que Lafayette pôde falar em crítica moderna, com recurso à biografia e à história. O alvoroço era todavia maior que a obra; apenas em parte ela constitui uma passagem da retórica à história, mas é sem dúvida, apesar de tudo, o mais considerável empreendimento no gênero, antes de Sílvio Romero (CANDIDO, 1975, p. 354)

Com efeito, cabe a Silvio Romero o marco estabelecido entre uma crítica que estipulava tendências e concepções mais generalizadas (meras convenções de retórica) e outra que se vincou fortemente à construção de um objeto e um método rigorosos de análise. Cabe destacar, ainda, que a análise deste método já havia sido exposta pelo próprio Candido na tese sobre o *Método Crítico de Silvio Romero* que lhe garantiu, no ano de 1941, o título de doutor em letras, resultado do concurso para a cadeira de literatura brasileira na USP em que acabou perdendo para José Aderaldo Castello<sup>4</sup>.

A despeito disto, destaquemos que a organização da crítica literária oitocentista exercida por Antonio Candido cumpre o seguinte critério. Primeiro, ele mostra o que seriam as raízes desta crítica e recorre a Ferdinand Denis como propagandista, no Brasil, das tendências românticas encabeçadas por figuras de proa, como Madme de Staël e Augusto Guilherme Schlegel. Estabelecido o mapeamento destas “raízes”, bem como exposto o papel de Ferdinand Denis como elo de ligação entre o romantismo brasileiro e o romantismo que, tempos antes, revirava o cânone ocidental, Candido destaca como a discussão desses elementos pelos literatos brasileiros foi fundamental para o estabelecimento de uma “teoria da literatura brasileira”. Não obstante reiterar a mediocridade do debate crítico na época, Candido reconhece o valor histórico desta construção e procura expor sua lógica de formação. É possível verificarmos isso

---

<sup>4</sup> Sobre detalhes deste contexto, ver o primeiro capítulo da tese de Ramassote: (INSERIR A REFERÊNCIA).

justamente no momento em que ele se dedica a diferenciar o debate sobre as tendências da literatura romântica do que formaria, propriamente dita, uma primeira teoria da literatura brasileira:

Sobretudo, [a crítica romântica] desenvolveu um esforço decisivo no setor do conhecimento da nossa literatura, promovendo a identificação e avaliação dos autores do passado, publicando as suas obras, traçando as suas biografias, até criar o conjunto orgânico do que hoje entendemos por literatura brasileira – um cânon cujos elementos reuniu, para que Sílvio Romero o definisse. Devemos, pois, entender por crítica no período estudado, em primeiro lugar as definições e interpretações gerais da literatura brasileira; em seguida, os esforços para criar uma história literária, superando a crítica estática e convencional do passado; finalmente, as manifestações vivas da opinião a propósito da arte literária e dos seus produtos atuais. Esta será, mais ou menos, a marcha do capítulo daqui por diante. (CANDIDO, 1975, 328)

Caso nos detenhamos neste trecho, perceberemos que o ponto final de todo o percurso traçado por Candido é a conformação do “sistema literário”, cerne da tese de “FLB” e objeto de inúmeras polêmicas diante da definição, bem como da periodização da literatura brasileira proposta pelo autor no presente livro. Como indicativo destas polêmicas, basta nos atermos ao famoso livro *O Sequestro do Barroco*<sup>5</sup>, onde Haroldo de Campos acusa Candido de omitir a contribuição, ou mesmo o pioneirismo, de Gregório de Matos para a formação da literatura brasileira<sup>6</sup>. Não obstante, convém destacar que o alicerce desta tese do sistema literário depende da própria concepção do que vem a ser a literatura nacional segundo a crítica romântica historiada por Antonio Candido. Não nos esqueçamos que a tese sobre o sistema literário pretendia unir arcadismo e romantismo numa organicidade civilizacional capaz de estabelecer a literatura nacional como aporte cultural. No entanto, da leitura quanto a organização que Candido exerce sobre a crítica literária oitocentista, fica evidente que o salto do local para o nacional é promovido pela concepção romântica e endossado pela sistematização deste processo histórico por Antonio Candido.

Ao arcadismo, tributado à “escola mineira” de literatura e que tematiza elementos locais, é imputada uma certa postura de escola literária que estava pensando a

<sup>5</sup> CAMPOS, Haroldo de. **O Sequestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira**: O caso Gregório de Mattos. SP: Ed. Iluminuras, 2011.

<sup>6</sup> Sem citar nomes e títulos específicos, é a essa obra que Schwarz se refere quando critica as acusações de que *Formação da literatura brasileira* seria uma obra de “bitolamento nacionalista”. SCHWARZ, Op. Cit., p. 19.

nação nos termos do que só viria após, com o romantismo impulsionado pelo movimento independentista. Quem opera essa significação dos elementos locais para determinado espírito nacionalista, tal como o próprio Candido aponta em seu livro, são os românticos a partir da *Revista Niterói*, lançada em 1836. Essa leitura é realizada por Candido nos termos de consciência do processo formativo. Para lidar com essa questão, a escola arcádica foi vista como movimento que contribuía de modo inconsciente para a realização daquilo que viria apenas com o romantismo.

Neste sentido, a leitura histórica dos mineiros da segunda metade do século XVIII, alguns deles próprios inconfidentes, passa a ser atrelada em função do porvir que só seria assentado pela escola romântica, já no segundo quartel do século XIX. O que gostaríamos de discutir, a partir disso, é que Candido mapeia este processo (no Arcadismo e no Romantismo) atrelado a dois fatos históricos que, de acordo com o livro, caminham para o despertar deste nacionalismo, a saber: a inconfidência mineira e a independência. As coisas ficam mais complexas quando percebemos, seguindo a construção de Candido, que o autor toma a narrativa nacionalista hegemônica como a única possível, apagando as heterogeneidades e diferenças no bojo da disputa sobre os sentidos e a memória destes dois “fatos”. Neste nível da argumentação, devemos nos perguntar: a escola mineira (ou mesmo a inconfidência como movimento político), de fato, encerra algum tipo de expectativa nacionalista/brasileira, compreendendo por isso a integridade de uma tradição a ser definida como sistêmica, nos agentes históricos do momento, ou é o Estado já formado projetando sua sombra para uma certa “origem” a legitimar o seu “comando”? Outrossim, o próprio processo de independência já estaria com sua clausura destinada a consolidar o Estado Nacional brasileiro, ou este “destino” foi o resultado de um processo de longa disputa sobre o modo como o novo estado de coisas deveria ser nomeado e rememorado? Ora, no campo historiográfico, essas questões já foram muito levantadas; basta lembrarmos o trabalho do professor João Paulo Pimenta, em que o discurso jornalístico serve de base para que ele mapeie a disputa de sentidos que se dava nos momentos decisivos da independência, nos levando a crer que, mesmo às vésperas de 1822, o Brasil tal qual conhecemos hoje era ainda coisa incerta (PIMENTA, 2002).

Não é o caso de censurarmos a leitura histórica de Candido com base num trabalho que só seria realizado longos anos depois. No entanto, cremos ser válido um estudo que se proponha a identificar como essa projeção do Estado como instituição ordena, também, a própria constituição do sistema literário; preconizado por Candido

como objeto de pesquisa. Neste sentido, a organização que Candido faz dos críticos brasileiros do século XIX, bem como suas matrizes de pensamentos e respectivos desdobramentos, nos ajudam a perceber como isso se forma e se conforma.

Isso porque o capítulo que ora discutimos parte, justamente, da constatação da arbitrariedade da organização das produções de determinada época em escolas ou tradições literárias. Diante disso, e preocupado com o grau de subjetividade que pode estar incrustado em sua própria obra, Candido julga conveniente fechar seu estudo dando atenção a como os próprios sujeitos contemporâneos julgavam os trabalhos de seus pares. Isto o leva à crítica: “porque ela é de certo modo a consciência da literatura, o registro ou reflexo das suas diretrizes e pontos de apoio” (CANDIDO, 1975, p. 319). Ao classificar a crítica literária como a consciência do “outro” do qual ele estuda, Candido julga ter acesso direto ao passado de que trata.

Não seria exatamente essa a vantagem frente aos demais analistas da “formação” do Brasil que Scharwz destacara? Mas, e quando o modo como Candido dispõe e conjectura sobre essa “consciência do outro” deixa sobreescrever a expectativa dele próprio frente ao processo?

Como reiterado, a ideia não é tanto censurar a análise de Candido, mas mostrar que o fato da “formação” tratada estar encerrada não obsta os possíveis contatos entre sujeito e objeto no próprio processo de construção do conhecimento. Mais ainda: é possível falar que o ato de Candido em organizar esse acervo de textos críticos e lhe impingir um sentido é um ato de consignação de um material do passado com um sentido institucional latente na medida em que, no interior do debate da época, seleciona os elementos que só serão bem desenvolvidos futuramente, com Sílvio Romero, autor objeto de análise em livro pregresso do próprio Candido. Seria, então, essa consignação uma passagem à institucionalização de seu próprio projeto crítico?<sup>7</sup>

A defesa da tese segundo a qual o arcadismo cumpriu seu papel na constituição da literatura nacional rompe com a ideia de alienação desta escola por parte da concepção romântica que negava ao neoclassicismo sua legitimidade nos trópicos. Todavia, é dentro

---

<sup>7</sup> É neste sentido que Candido vai, entre continuidades e rupturas, tecendo o seu projeto intelectual/científico aos parâmetros de formação e consolidação históricas do Estado. Candido, assim, lança um tipo de interpretação que tem condições de entrar em disputa e reivindicar, para si, uma determinada legitimidade sobre o que somos, como tradição literária, e como nos constituímos até o momento presente da obra que ele escreve.

da própria escola romântica e de sua concepção/preocupação com o fenômeno nacional<sup>8</sup> que Candido irá buscar essa solidariedade orgânica com o arcadismo. Basta, para isso, tomarmos a menção destacada que Candido faz a Santiago Nunes Ribeiro, crítico do qual o autor lamenta a morte precoce, haja vista que seu trabalho era o dos melhores dentre a crítica da época. O principal trabalho de Nunes Ribeiro, *Da nacionalidade da literatura brasileira*, publicado na minerva brasiliense, destaca a interpretação defendida, grosso modo, pelo próprio Candido: desde o neoclássico, a literatura brasileira já é algo de autônoma ou, pelo menos, não alienada na forma como os próprios românticos a tachavam:

Este ensaio de Santiago Nunes é o momento decisivo na elaboração de uma teoria geral da literatura brasileira como algo independente. Os escritos de Januário, Magalhães, Pereira da Silva, tinham provocado opiniões adversas, que a reputavam inseparável da portuguesa; manter o ponto de vista autonomista era essencial, nessa fase em que o impulso criador se ligava estreitamente ao desígnio ideológico de colaborar na construção nacional. (CANDIDO, 1975, p. 338)

Esse argumento é importante para percebermos como Candido vai selecionando os autores segundo a afinidade com sua própria tese e, muito além disso, não deixa de referendar a memória instituída segundo a qual você teria ou uma literatura vinculada à portuguesa ou uma literatura brasileira autônoma. A questão do devir deixa de ficar em aberto em função de um porvir já instituído; que é o da literatura brasileira.

Não há a possibilidade, no argumento de Candido, de a literatura colonial não ser nem portuguesa, nem brasileira (nome que levaria um bom tempo até ser cogitado como realidade histórica e literária). É nessa medida que dizemos ser o passado da independência um agente decisivo na organização da literatura brasileira executada por Candido. Quando o devir cede espaço para um porvir já conformado, aquilo que julgamos ser um objeto já distanciado de nosso olhar analítico, pode exercer uma força definidora e que dissimula sua fissura constituinte.

Essa observação sobre a interpretação do elemento local como constituidor de um espírito nacional já atrelado às questões institucionais e territoriais do Brasil no bojo do processo independentista, como já dissemos, não tem a pretensão de pôr em dúvida a validade e a força da tese de Antonio Candido. Todavia, cremos ter sido oportuno destacar

---

<sup>8</sup> Se pensarmos nos marcos instituídos como os debates sobre a contribuição da raça e do meio na promoção da literatura autóctone

que a sua contribuição está atrelada à própria forma como o debate, dentro da crítica romântica, se desencadeou. Não é uma questão de momentos conscientes e inconscientes de um mesmo processo. Se assim decidirmos, iremos incorrer na imputação de expectativas históricas que não necessariamente estavam no horizonte dos agentes no período colonial. O “Brasil”, como nação, poderia ter a forma mais pluralizada se considerássemos que os elementos tematizados pela literatura colonial não estavam predestinados a desembocar no projeto crítico da Revista Niterói<sup>9</sup>.

De fato, defendemos que essa perspectiva está no próprio modo como Candido racionaliza seu objeto de pesquisa, para retomarmos o debate iniciado a partir de Roberto Schwarz sobre os efeitos do distanciamento temporal como uma vantagem para a compreensão da formação da literatura brasileira. Há, ainda, um outro ponto a ser destacado: num certo sentido, é o debate presente de Antonio Candido sobre as vicissitudes da modernização da América Latina que irá contribuir para a sua própria concepção e organização crítica do material que lhe é disposto. É a forma como Antonio Candido irá se inserir neste debate que pode nos ajudar a compreender como, em primeiro lugar, ele se preocupa com a literatura numa dimensão nacional já definida e estabelecida e, em seguida, como essa comunidade nacional pode tomar rumos mais autônomos e emancipados no que diz respeito à sua participação na dinâmica das nações modernas. É assim que Candido executa um duplo movimento na sua análise: reconhece a importância do romantismo como este momento de tomada de consciência literária e, ao mesmo tempo, censura-lhe a “subserviência literária” ao apontar o exotismo local como algo de saturado, tanto na crítica, quanto na própria produção literária da época.

Nesta dinâmica, constrói-se o próprio objeto de Antonio Candido. A literatura brasileira numa perspectiva civilizacional, interessada na prospecção de um país delimitando suas origens culturais, esquadrinhando o problema inerente ao seu parco desenvolvimento e projetando os modos segundo os quais esse desenvolvimento pode se realizar de modo pleno e integrador<sup>10</sup>. A retórica anti-imperialista parece se unir de modo

---

<sup>9</sup> Isso porque é, justamente, o programa executado por tal revista, a partir de 1826, eleito marco definidor da crítica romântica por Antonio Candido.

<sup>10</sup> Temos um texto que tenta traçar as linhas gerais desse projeto integrador a partir de uma leitura comparada das obras *Os Parceiros do Rio bonito* e *A integração do negro na sociedade de classes*. CARIAS, Thales Biguinatti. **Heróis Carismáticos**: Antonio Candido e Florestan Fernandes no contexto de afirmação da antropologia como ciência. Anais eletrônicos do VI Congresso Internacional de História, 2018, Jataí-GO. Disponível em: <https://www.2018.congressohistoriajatai.org/arquivo/downloadpublic?q=YTToyOntzOjY6InBhcmFtcy>

verdadeiramente orgânico. Assim, planos econômico e literário repercutem na escrita de “FLB” e a ideia da subserviência econômica passa a ser análoga ao exotismo exagerado das tendências românticas:

No caso brasileiro, impunha-se, portanto, segundo os cânones do momento, considerar a raça e o meio. Quanto a este, tudo se resumiu em tiradas, como as já referidas, sobre a diferença e a grandeza da natureza tropical, originando forçosamente sentimentos diferentes. Daí um persistente exotismo, que eivou a nossa visão de nós mesmos até hoje, levando-nos a nos encarar como faziam os estrangeiros, propiciando, nas letras, a exploração do pitoresco no sentido europeu, como se estivéssemos condenados a exportar produtos tropicais também no terreno da cultura espiritual. (CANDIDO, 1975, p. 324)

Esse movimento amplo; de integração e crítica; de subscrever uma continuidade e anunciar uma ruptura, é o que garante à “FLB” um profícuo transitar entre passado e presente. Nestes termos, o trabalho de Antonio Candido toma parte numa arenga mais ampla de seu tempo: a que envolve as interpretações e disputas sobre o brasileiro como identidade e sobre o modo como deveria ser concebido este povo; seja dum ponto de vista identitário/cultural, seja do ponto de vista de seu alicerce institucional. Como um discurso estruturado visando esta disputa e tendo, sobretudo no espaço acadêmico, sua parcela de legitimidade, a historiografia que referendava uma certa dinâmica sobre o projeto de independência serviu como um tipo de mise-en-scène à formulação do objeto que Candido se propôs a construir.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, Haroldo de. **O Sequestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira**: O caso Gregório de Mattos. SP: Ed. Iluminuras, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos (vol II). 5 ed. BH: Ed. Itatiaia; SP: EDUSP, 1975.

CARIAS, Thales Biguinatti. **Heróis Carismáticos**: Antonio Candido e Florestan Fernandes no contexto de afirmação da antropologia como ciência. Anais eletrônicos do VI Congresso Internacional de História, 2018, Jataí-GO. Disponível em: <https://www.2018.congressohistoriajatai.org/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhemFtcyI7czozNDoiYTToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSZPjtzOjM6IjQzNCI7fSI7czoxOiJoIjtzOjMyOiIyZjA0ZmFhNzc1ZTljNzIxZTg4MjEyM2JhNWNjMWRiOCi7fQ%3D%3D> último acesso em 20/12/2018.

---

[I7czozNDoiYTToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSZPjtzOjM6IjQzNCI7fSI7czoxOiJoIjtzOjMyOiIyZjA0ZmFhNzc1ZTljNzIxZTg4MjEyM2JhNWNjMWRiOCi7fQ%3D%3D](https://www.2018.congressohistoriajatai.org/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhemFtcyI7czozNDoiYTToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSZPjtzOjM6IjQzNCI7fSI7czoxOiJoIjtzOjMyOiIyZjA0ZmFhNzc1ZTljNzIxZTg4MjEyM2JhNWNjMWRiOCi7fQ%3D%3D) último acesso em 20/12/2018.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. RJ: Forense universitária, 1982.

DANTAS, Vinicius. **Antonio Candido: Textos de Intervenção**. SP: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

JACKSON, Luiz Carlos. **A tradição esquecida: Os Parceiros do Rio Bonito e a Sociologia de Antonio Candido**. BH: Ed. UFMG; SP: FAPESP, 2002.

PIMENTA, João Paulo. **Estado e nação no fim dos impérios ibéricos no Prata (1808-1828)**. 1a. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

PONTES, Heloisa. **Ar de Família: A turma de Clima**. In: *Literatura e sociedade* (n. 12), 2009.

RAMASSOTE, Rodrigo Martins. **A vida social das formas literárias: crítica literária e ciências sociais no pensamento de Antonio Candido**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas-SP, 2013.

SCHWARZ, Roberto. **Sobre a “Formação da literatura brasileira”**. In: **Seqüências brasileiras: ensaios**. Editora Companhia das Letras, 1999. P.17-23.